

Editorial

Nanci Stancki da Luz

E-mail: nancist@terra.com.br
Universidade Tecnológica Federal
do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

O número 42 dos Cadernos de Gênero e Tecnologia vem a público em um momento de pandemia. O coronavírus se espalhou pelo planeta e ocasionou impactos humanos, sociais e econômicos avassaladores para a humanidade.

No Brasil, o vírus encontrou desigualdades sociais históricas, intensificando-as, na medida em que avançava nas comunidades cujos direitos fundamentais ainda permanecem como meras intenções.

Não obstante aos inúmeros esforços da sociedade para conter a pandemia, a cada dia, centenas de vidas são ceifadas. O desemprego se amplia e as condições precárias de trabalho e de vínculos empregatícios não permitem que milhões de pessoas tenham acesso a condições mínimas de sobrevivência. Trabalhadoras/es informais e população em situação de rua enfrentam os efeitos perversos da pandemia e de uma organização social e política que lhes nega os direitos humanos. Falta de saneamento básico, de moradia digna, de trabalho e renda e de proteção social são alguns dos direitos sociais negados a uma população que sofre mais intensamente os impactos do Coronavírus (COVID-19).

Embora haja uma construção narrativa de que o COVID-19 não faça distinção entre pessoas, afetando igualmente a todos(as), marcas de gênero, classe e etnicorracias estão fortemente presentes no advento da pandemia. Os efeitos do coronavírus apresentam-se mais severos para parte significativa da classe trabalhadora, da população negra e das mulheres devido à precariedade das suas condições objetivas de vida.

A violência de gênero vai se ampliando com um distanciamento social que dificulta a denúncia e a busca de apoio e socorro. As mulheres que ainda são principais responsáveis pelo cuidado, têm seus afazeres intensificados com o aumento de tempo para o cuidado de familiares, particularmente com as crianças que neste momento não frequentam as escolas para evitar a propagação do vírus. Grande proporção das atividades profissionais passou a ser desenvolvidas no âmbito doméstico, contexto que aliado a uma injusta divisão sexual do trabalho intensificam a sobrecarga de tarefas das mulheres. Entre o cuidado das crianças, a atenção aos doentes, o preparo das refeições, a lavagem das roupas, a limpeza do chão e o tirar do pó dos móveis, as mulheres desenvolvem atividades profissionais que garantem renda familiar.

A intersecção de inúmeros fatores históricos (desigualdades salariais, condições precárias de trabalho, segregações horizontal e vertical das atividades laborais; assédios e violências contra as mulheres) com as repercussões da pandemia, ampliam a vulnerabilidade social feminina e dificultam ainda mais a efetivação dos direitos humanos das mulheres.

Por outro lado, o Sistema Único de Saúde (SUS), fruto de conquista do povo brasileiro, igualitário e democrático em sua essência, revela-se primordial para a manutenção da vida. Profissionais de saúde, área com destacado protagonismo feminino, embora enfrente condições inseguras de trabalho, assumem a linha de frente do combate ao coronavírus. Médicas, enfermeiras, psicólogas, assistentes sociais e outras trabalhadoras do setor de saúde e limpeza caracterizam a face feminina da esperança.

A universidade, a partir de ações de extensão e de pesquisas científicas, também assume protagonismo no enfrentamento da pandemia, a partir do desenvolvimento de investigações sobre remédios, vacinas, equipamentos médico-hospitalares e de proteção individual, entre outras ações. Pesquisas básicas, pesquisas aplicadas, desenvolvimento de produtos e inovações se destacam em uma sociedade que presenciou em tempo recente ataques à educação, à universidade e ao conhecimento científico. As Ciências Sociais e Humanas se revelam essenciais, auxiliando na compreensão do ser humano, das relações sociais, das relações hierárquicas de poder e na busca de caminhos para a superação das desigualdades sociais.

A importância do conhecimento e a necessidade de investimentos permanentes na ciência, tecnologia e inovação deixam de ser controversos quando as vidas de milhares de pessoas são preservadas graças aos saberes científicos e tecnológicos acumulados historicamente. As inovações sociais e saberes tradicionais destacam-se no enfrentamento à crise e, a universidade ao agregar, preservar e valorizar as várias formas de conhecimento amplia a capacidade social para o enfrentamento da crise sanitária, econômica e de saúde coletiva.

O distanciamento e o isolamento social foi alterando as formas de viver, de se relacionar e de ver o mundo. Passamos a prestar mais atenção às coisas que realmente importam. A organização das comunidades e a solidariedade brotam como resultado da vontade de viver e de manter vidas. A empatia potencializa ações e caminhos de superação e de esperança de um porvir que vai sendo costurado com infinitos fios de apoio em um tecido de companheirismo e solidariedade. O luto substantivo vai se transformando em luto verbo e destaca-se a compreensão de que só a organização e a união poderão salvar a vida e o planeta.

O obscurantismo e a negação da gravidade da pandemia presentes nas ações de governantes alimentaram a resistência à necropolítica que foi se instalando no Brasil. Manifestações, protestos e clamores populares ocupam as mídias sociais e as ruas, trazendo o grito preso na garganta de quem não suporta mais tanta violência, preconceito, discriminação e ódio. Palavras de ordem desafiam a distopia reinante. Vidas negras importam! As vidas das mulheres importam! A vida de lésbicas e trans importam! Vidas importam mais que o capital, o lucro e a economia! E, na construção da utopia que renasce na luta, reflexões sobre formas solidárias de viver, preservar e partilhar os benefícios do planeta apontam para a urgência de ações e políticas públicas que combatam todas as desigualdades sociais e respeitem o meio ambiente. O enfrentamento da barbárie civilizatória e a implementação de valores humanos e de valorização da vida ganham destaque.

Todos os esforços empenhados, neste momento histórico, para superação das desigualdades contribuirão para a construção de relações humanas humanizadas na pandemia e no pós-pandemia. O tempo avança e modificações do ser e da realidade vão instituindo um “novo normal” que deveria/poderia se desenhar a

partir de valores que não mais permitam a reprodução do racismo, do machismo e de todos os tipos de ódio e violência contra o ser humano.

Há muito tempo, sabiamente, alertou-nos o filósofo pré-Socrático Heráclito de que não podemos entrar duas vezes no mesmo rio, pois ao adentrarmos nele outra vez, as águas já não são as mesmas e o próprio ser já se modificou. O mundo não é o mesmo, nós não somos as/os mesmas/os. Teremos que reaprender a viver em outro mundo e, se vamos passar por uma desestabilização e por mudanças, que esse processo possa servir para o avanço da consolidação de um mundo solidário e de igualdade.

A efetivação de um mundo justo pós-pandemia depende de avanços no processo de humanização do ser humano. Um importante passo nesse caminhar é a permanente reflexão sobre as diversas chagas sociais historicamente produzidas, dentre as quais as desigualdades de gênero e suas imbricações com as desigualdades raciais, étnicas e de classe. Essa reflexão deve ser balizada pela busca da emancipação humana e da proteção de todas as formas de vida do planeta.

Este número dos Cadernos de Gênero e Tecnologia, ao mesmo tempo que celebra 15 anos de existência deste periódico, reafirma esse compromisso com a reflexão e análise da realidade, com a vida e o enfrentamento das desigualdades sociais, bem como respeito às diversidades e às diferenças humanas.

A publicação de debutante dos CGT traz importantes discussões na entrevista com Marília Pinto de Carvalho, renomada pesquisadora da área de gênero e educação e, em 21 artigos científicos de notáveis pesquisadoras/es que tratam, dentre outras questões, de representações e formas de enfrentamentos das violências perpetradas contra as mulheres e em decorrência das diversas identidades de gênero e um ensaio. Os artigos e o ensaio abordam ainda formas de resistência, protagonismos e processos de efetivação de direitos fundamentais das mulheres em suas múltiplas formas de ser e viver. Apresenta ainda a resenha da obra *@Descolonizando_saberes: mulheres negras na ciência* de Bárbara Carine Soares Pinheiro.

Esta publicação ao completar uma década e meia de vida agradece a todas as colaborações de pesquisadoras/es que, a partir de diferentes perspectivas teóricas e metodológicas e de distintos olhares e formas de analisar a realidade permitiram o avanço dos estudos feministas e das pesquisas sobre gênero e tecnologia, desvelando as inúmeras formas de produção e reprodução das desigualdades de gênero.

Muitas pessoas contribuíram e continuam contribuindo para que este periódico se tornasse uma referência entre as publicações da área. O sonho das idealizadoras desta publicação, Lindamir Salete Casagrande e Juliana Schwartz foi tomando forma a partir do apoio de docentes do PPGTE e do estímulo generoso das coordenações do Núcleo de Gênero e Tecnologia da UTFPR – Campus Curitiba, destacando-se, nesse processo, a Profa. Marília Gomes de Carvalho.

Sem medir esforços, destacados/as acadêmicos/as voluntários/as que formaram equipes técnicas que desenvolveram um trabalho essencial para a vida dos CGT. Foram eles/elas que receberam artigos, responderam mensagens, encaminharam textos para pareceres técnicos, diagramaram e divulgaram a revista, dentre outras atividades.

Ainda rendemos honras às valiosas e cuidadosas avaliações de notáveis pareceristas do Conselho Editorial que juntamente com eminentes pesquisadores/as do Comitê Científico garantiram a magnitude desta publicação.

Gratidão a todos/as que fizeram e fazem parte deste lindo trabalho coletivo. Nossos sinceros agradecimentos a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para que fosse possível completar 15 anos de existência dos Cadernos de Gênero e Tecnologia.

Que todas os saberes acumulados durante a existência desta revista ampliem a nossa capacidade de construção de um mundo pós-pandemia de igualdade de gênero de justiça social.

Recebido: 11/07/2020.

Aprovado: 11/07/2020

DOI: 10.3895/cgt.v13n42.12743

Como citar:

LUZ, Nanci Stancki da. Editorial. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v.13, n. 42, p. 1-4, jul./dez. 2020.

Correspondência: Av. Sete de Setembro, 3165, 80230-901, Curitiba, Paraná, Brasil.

Direito autoral:

Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

